

O Apóstolo Paulo: Um Intelectual?

Herold Weiss

A maioria dos cristãos, não importa qual seja sua preferência doutrinária específica, tem aclamado o apóstolo Paulo um herói. Ele representa o que a maioria dos seguidores de Cristo reconheceria como o cristão essencial. Certamente há algumas exceções. Entre feministas, alguns consideram Paulo como um chauvinista machista, com apenas umas poucas qualidades resgatáveis.¹ Outras pessoas têm considerado Paulo um messiânico, com tendências masoquistas,² ou um incorrigível autoritário com ilusões de grandeza,³ o qual não tinha tolerância por qualquer ponto de vista discordante.⁴ Contudo, mesmo aqueles que o pintam em cores negativas encontram dificuldade em simplesmente descartar-se dele.

No século vinte, sob a influência de Albert Schweitzer e Adolf Deissmann, tornou-se popular compreender Paulo como um grande místico.⁵ De acordo com Deissmann, há dois tipos de misticismo. Alguns místicos consideram como alvo da vida a completa dissolução do eu em absoluta passividade. Outros desejam ser possuídos por Deus, com o propósito de serem ativos como agentes divinos. Neste modelo, Paulo, obviamente, pareceria um místico do segundo tipo. Se ele foi de fato um místico, contudo, seria difícil pensar nele como um intelectual. Os místicos estão muito envolvidos com si mesmos e com a salvação de almas para se preocuparem muito com idéias. A apresentação de Paulo como um místico, no final do século passado foi, em parte, um esforço para combater a presente compreensão dele como o grande arquiteto doutrinário, que havia construído um maravilhoso edifício intelectual acerca do fundamento protestante da justificação pela fé.

Ninguém duvida que Paulo tenha afirmado a importância da graça de Deus e da necessidade da humanidade crer em Cristo como o divino agente

da salvação. Muitos hoje, contudo, duvidam que a noção de justificação pela fé esteja no centro do pensamento de Paulo. De fato, estabelecer o que seja central no pensamento de Paulo é quase que uma impossibilidade, precisamente porque ele não construiu um sistemático edifício de doutrinas.⁶

Em Busca de uma Definição

Eu gostaria de investigar a noção de que Paulo foi um intelectual sem preocupar-me com o debate que brevemente resumi. Imagino que alguns podem concluir que este é um exercício completamente mal concebido. Por que gostaria alguém de ser conhecido como um intelectual? Todos nós estamos familiarizados com a caricatura de intelectuais como indivíduos tão preocupados com a compreensão das opções em cada questão que se tornam incapazes de jamais fazer qualquer coisa. Intelectuais são "desligados," que vivem nas nuvens, totalmente ignorantes das dores e sentimentos que governam as vidas dos mortais comuns, ou, pelo menos, assim eles são considerados.

Para guiar nossa discussão sobre Paulo, portanto, eu gostaria de oferecer uma definição simples. Um intelectual é uma pessoa que valoriza a razão humana, tanto por seus poderes como por seus caminhos. Um intelectual cristão, que reconhece a importância da revelação e da sempre-ativa influência do Espírito Santo, também valoriza a razão humana. Acima de tudo, a revelação não é inequívoca, e o Espírito Santo nem sempre chama a atenção das pessoas batendo no ombro delas.

Geralmente, Deus Se comunica conosco apelando para nossa razão. Por razão queremos dizer tanto aquilo que dá estrutura à mente, dentro da qual qualquer pensamento é possível, como

também aqueles passos tomados pela mente de acordo com certas regras aceitas. Seguindo estas regras, é possível defender a superioridade de uma proposição sobre outra. As conclusões às quais se chega sem seguir a tais regras são julgadas irrazoáveis ou ilógicas.

Uma pessoa que não possui a estrutura interior da razão é descrita como tendo perdido sua mente. Não se espera que crentes cristãos percam sua mente, ou que argumentem em termos ilógicos. A fé nunca subjuga a razão, mesmo que, como Tillich tão belamente explica, a fé transcende a razão. Como ele descreve, a fé é a razão em êxtase.⁷ Contudo, o que um crente individual crê não pode ser baseado em capricho ou ser puramente pessoal — deve ser capaz de suportar o julgamento de outros; em outras palavras, deve adequar-se à racionalidade. Isto significa que o cristão que é intelectual coloca um valor ainda mais alto no julgamento da razão.

Um Culto Racional

Creio que este foi o caso de Paulo. Exegetas paulinos concordam que os primeiros 11 capítulos da carta aos Romanos contêm o argumento teológico de Paulo, e o termo "pois" (ou "portanto"), no início do capítulo 12, introduz a conclusão ao argumento de Paulo, em termos de seu significado para a vida diária:

Portanto, eu vos apelo, irmãos, pelas misericórdias de Deus, como o vosso culto racional⁸ que apresenteis vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e aceitável a Deus. Não permitais que esta era vos molde de acordo com suas estruturas. Ao contrário, transformai-vos com a nova mente que vem de cima, para que assim possais avaliar qual é a vontade de Deus, que é boa, aceitável e perfeita.

Paulo aqui declara duas idéias extraordinárias relacionadas com o culto. A primeira é aquela enfatizada pelos clássicos profetas de Israel, isto é, que a vida contrária à vontade de Deus nas atividades diárias no lar e nos negócios anula o que seja que se faça no templo. A segunda propõe que os cristãos devem oferecer seus próprios corpos como um "sacrifício vivo" em lugar de novilhos mortos. Desejando caracterizar este tipo de sacrifício ele o nomeia de "culto racional."

Que tipo de vida é este sacrifício vivo, este culto de acordo com a razão? Porque, Paulo explica, apresentar um sacrifício vivo exige uma recusa em permitir que "esta era" (este mundo) molde os cristãos de acordo com seus próprios esquemas. No estilo cristão de vida o Espírito Santo, e não esta era, é o que transforma e modela a conduta, pela renovação da mente. Se este é o caso, Paulo continua, os cristãos serão capazes de discernir o que é bom, aceitável, e perfeito, em outras palavras, a vontade de Deus.

Este texto revela um Paulo que coloca enorme valor no poder da mente renovada pelo Espírito Santo. Aqui os cristãos são apresentados como os únicos árbitros da vontade de Deus. O Espírito os fortalece e capacita para fazerem julgamentos acerca de opções que se apresentam como expressões da vontade de Deus. O evangelho pregado por Paulo não estabelece que ele é o único capaz de discernir a vontade de Deus. Quando ele explica como o evangelho apresentado por ele, nos primeiros 11 capítulos de Romanos, influi diretamente na vida prática dos cristãos, ele escreve acerca de uma mente renovada do alto, como o guia para a vida que se realiza através do culto, uma vez que ela executa a vontade de Deus. O que os cristãos fazem quando eles se reúnem para cantar, orar, ouvir a Palavra e partilhar seus testemunhos é benéfico apenas na medida em que isto contribui para a oferta de um sacrifício vivo a Deus em suas vidas diárias.

O Discernimento Cristão

Paulo considerava valiosa a

habilidade de outros usarem suas mentes. Isto é demonstrado pela maneira em que ele abertamente apelou aos seus leitores que avaliassem a razoabilidade dos seus argumentos, pelo exercício dos seus poderes de discernimento. Ele escreve: "Eu falo como a pessoas razoáveis. Julgai por vós mesmos o que eu digo" (1 Coríntios 10:15). Paulo perde paciência com os gálatas, os quais ignoram a evidência de sua própria experiência, contra a qual não pode haver argumento, e, de maneira quase áspera, ele os chama "insensatos" (Gálatas 3:1). Para os coríntios, os quais se consideravam pessoas maduras no Espírito, e portanto afirmavam "todas as coisas são permitidas," Paulo escreve: "Irmãos, não vos torneis crianças em vosso entendimento; mesmo que quanto ao mal vos torneis como crianças, tornai-vos maduros no entendimento" (1 Coríntios 14:20). Desta forma, Paulo apela ao que foi designado acima ser a razão, como a estrutura ou o poder da mente.

Para comunicar sua compreensão da salvação oferecida por Deus, Paulo geralmente depende de passagens do Velho Testamento.¹⁰ Algumas vezes ele também apela para um mandamento do Senhor (1 Coríntios 9:14), para uma primitiva confissão cristã de fé (1 Coríntios 15:3-5), ou para uma primitiva fórmula batismal (Gálatas 3:27, 28). Estes claramente funcionam como autoridades para as quais a razão pode apelar. Embora nós não pensaríamos



em um argumento comunicado por meio de alegoria, Paulo, como o seu contemporâneo judeu, Filo de Alexandria, usou este método como um válido recurso de argumentação (Gálatas 4:21-31). Como bom judeu, treinado por um mestre fariseu, Paulo também sabia como utilizar a *midrash*, argumentando através de uma elaboração criativa de uma passagem bíblica (2 Coríntios 3:4-18). Em outras ocasiões Paulo usa o método mais rabínico, o de limitar o significado de uma determinada palavra, ou reunir duas passagens do Velho Testamento nas quais a mesma palavra é usada com o propósito de definir uma através da outra.¹¹

Paulo também construiu argumentos que dependem estritamente da lógica do caso, em lugar de apelo à autoridade. Em Gálatas ele utiliza um *argumentum ad hominem*. Tal argumento repousa naquilo com o que os humanos normalmente concordam. Ninguém espera que se acrescentem cláusulas a um contrato depois que ele tenha sido assinado; portanto, não poderíamos pensar que Deus o fizesse (Gálatas 3:15). Em Romanos ele elabora um argumento mais complicado, um *minor ad maiorem*. Este repousa no fato de que se o leitor está disposto a admitir "isto" (uma noção comum) ser o caso, muito mais deveria ele estar disposto a admitir "aquilo" (com qual o senso comum concorda, e que opera num nível ainda mais elevado). Se o pecado de Adão é reconhecido como tendo causado a entrada do pecado e da morte no mundo, muito mais é a morte e a ressurreição de Cristo para serem reconhecidas como tendo realizado a entrada da justiça e da vida no mundo (Romanos 5:10, 15, 17)! Enquanto o argumento afirma o caráter efetivo da obra de Cristo, contrariada pelo fato de que o pecado e a morte ainda estão em evidência no mundo, ele pressupõe que a missão de Cristo é a obra de Deus, a qual pertence à uma ordem superior e é mais efetiva que a obra do homem. Nestas passagens Paulo usa métodos superiores à razão.

Uma outra forma na qual Paulo exhibe sua alta estima pelos poderes da mente, é vista em sua

Continua na página 23

O Apóstolo Paulo

Continuação da página 15

relutância em tornar-se o juiz daquilo que outros fazem ao cumprirem a vontade de Deus. Os cristãos são servos de Deus, e portanto, apenas o seu Mestre tem autoridade para julgá-los (Romanos 14:4). Paulo insiste, contudo, que quando os cristãos agem, deveriam agir baseados em plena convicção. Ele adverte: "Que cada um esteja inteiramente seguro em sua mente... Mas aquele que duvida está condenado... porque ele não age com confiança [com fé]" (Romanos 14:5, 23). Para Paulo, fé é agir em plena obediência ao julgamento da razão renovada pelo Espírito. Novamente Paulo demonstra o alto valor que ele atribui à habilidade do raciocínio daqueles que crêem. Para Paulo, dizer "dando-me testemunho à minha consciência" (Romanos 9:1) é o mesmo que dizer: "Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus" (Romanos 14:14). Os cristãos devem agir em fé, partindo da mente que está plenamente persuadida.

A Mente Renovada

Paulo não concebe a mente renovada em termos individualísticos. Seu sentido de identidade não é privado, mas social. Para ele, os cristãos não são corpos autônomos, mas membros no corpo de Cristo. Aquilo que é bom, aceitável e perfeito não pode ser "aquilo que é bom para mim." Assim, Paulo, que argumenta incessantemente através da epístola aos Gálatas "Para a liberdade Cristo nos libertou" (Gálatas 5:1), também insiste com os coríntios que, como membros individuais, não devemos viver para nós mesmos, mas para construir a comunidade da fé (1 Coríntios 14:26). Ele diz a eles explicitamente: "Ninguém procure o proveito próprio" (1 Coríntios 10:24).

O que faz a taça de Paulo transbordar de gozo é saber que a Igreja pensa com uma só mente.¹² À sua igreja favorita, aquela que estava em Filipos, ele aconselha: "Que todos quantos já somos maduros pensemos assim; e se em alguma coisa vós pensais diferente, Deus também isto vô-lo revelará" (Filipenses 3:15). Para ele, a revelação é a dinâmica atividade do Espírito Santo, trazendo uma convicção

comum à mente daqueles que se oferecem diariamente como membros do corpo de Cristo, em um culto racional.

Paulo não presumia que sua mente fosse a única capaz de ser renovada pelo Espírito Santo. Ele confiara em Deus e em seus companheiros cristãos. Ele sabia que a ação do Espírito Santo poderia trazer convicção tanto a eles como a ele, e tanto ele como eles poderiam, eventualmente, mudar a maneira de pensar. Constantemente Paulo se encontrava argumentando com eles quanto à verdade do evangelho e suas implicações. Em seus diálogos e disputas com seus amigos cristãos, ele entendeu que as convicções acerca do evangelho podem apenas ocorrer em uma mente cuja integridade possa ser usada pelo Espírito Santo.

Os apelos de Paulo para a renovada mente cristã, seu desejo em permitir que — aqueles em favor de quem ele sofrera dores de parto (Gálatas 4:19), aqueles a quem ele amamentara como crianças (1 Tessalonicenses 2:7), e exortara como um pai (1 Tessalonicenses 2:11) — pensassem por si mesmos, seu respeito por suas convicções, faz dele tanto um verdadeiro seguidor de Jesus como um verdadeiro intelectual.

NOTAS

1. George Bernard Shaw popularizou a figura de Paulo como um chauvinista, "The Monstrous Imposition Upon Jesus," em Wayne A. Meeks (ed.), *The Writings of St. Paul* (New York: W. W. Norton 1972).

pág. 299. Ver também Robin Scroggs, "Paul: Chauvinist or Liberationist?" *The Christian Century* 89 (1972), págs. 307-309, e Elaine Pagels, "Paul and Women: A Response to Recent Discussion," *Journal of the American Academy of Religion* 42 (1974), págs. 538-549.

2. Ver Richard Rubinstein, *My Brother Paul* (New York: Harper and Row, 1972), págs. 34-53.

3. Ver James Tabor, *Things Unutterable: Paul's Ascent to Paradise in its Graeco-Roman, Judaic, and Early Christian Contexts* (Lanham, Maryland: University Press of America, 1986), págs. 21-38.

4. Jerome H. Neyrey, *Paul, in Other Words* (Louisville, Kentucky: Westminster/John

Knox Press, 1990), págs. 153-156.

5. A. Deissmann, *Paul: A Study in Social and Religious History* (New York: Harper and Row, 1912). A. Schweitzer, *The Mysticism of Paul* (New York: Seabury, 1931).

6. Ver J. Christian Becker, *Paul the Apostle: The Triumph of God in Life and Thought* (Philadelphia: Fortress, 1980), págs. 11-19.

7. P. Tillich, *The Dynamics of Faith* (New York: Macmillan, 1957), pág. 77.

8. Onde a maioria das versões em inglês diz "espiritual," no original se lê *logike*, que quer dizer lógico, razoável.

9. Todas as citações bíblicas neste artigo são traduções do autor.

10. Os textos básicos de Paulo parecem ser Gênesis 12:1-3; 15:6; Deuteronômio 10:16, 17; Jeremias 18:6; Oséias 1:10; 2:23; Habacuque 2:4; e muitos Salmos.

11. Por exemplo, em 1 Coríntios 15:27, Paulo cita Salmo 8:6, mas julga necessário esclarecer que quando este diz "todas as coisas," deve-se entender que Deus é uma exceção. Em Gálatas 3:16 Paulo cita Gênesis 12:7 e elabora seu argumento no fato de que o substantivo, "descendência" ou "semente" aparece no singular e não no plural. Por outro lado, em Romanos 9:33 ele justapõe Isaías 28:16 a Isaías 8:14, 15, para definir a pedra que Deus colocou em Sião.

12. Ver Filipenses 2:2; Romanos 12:6; 15:5; e 2 Coríntios 13:11.

Herold Weiss (Ph.D., Duke University), ensina estudos religiosos em Saint Mary's College, Notre Dame, Indiana, E.U.A. Ele é autor de vários artigos em literatura erudita e também autor do livro Paul of Tarsus (Andrews University Press, 2ª ed. 1989).



Antes que lhe apresente as minhas notas, poderíamos discutir a possibilidade de uma sentença reduzida com opção de liberdade condicional?